

**Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas**

**Financial Education of People from Rio Grande Do Sul: a Measure Proposition and the Relation with Socioeconomic and Demographic Variables**

Ani Caroline Grigion Potrich  
Mestre em Administração – UFSM  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração – UFSM  
Avenida Roraima, 1000, Prédio 74C, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97105-900  
anipotrich@gmail.com

Kelmara Mendes Vieira  
Doutora em Administração – UFRGS  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração – UFSM  
Avenida Roraima, 1000, Prédio 74C, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97105-900  
kelmara@terra.com.br

Jéssica Pulino Campara  
Graduada em Administração - UFSM  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração – UFSM  
Avenida Roraima, 1000, Prédio 74C, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97105-900  
jecampara@hotmail.com

Luana dos Santos Fraga  
Graduanda do Curso de Ciências Econômicas – UFSM  
Avenida Roraima, 1000, Prédio 74C, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97105-900  
luana.fraga92@gmail.com

Luis Felipe de Oliveira Santos  
Graduando do Curso de Administração – UFSM  
Avenida Roraima, 1000, Prédio 74C, Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97105-900  
luis-fos@hotmail.com

**Resumo**

A educação financeira é uma ferramenta que auxilia os indivíduos em tomadas de decisões mais assertivas e eficientes no contexto monetário de suas vidas, diante dessa importância tem-se como objetivo principal deste trabalho investigar o nível de educação financeira dos habitantes do Rio Grande do Sul e identificar se existem diferenças nos níveis de educação segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas. Para isso realizou-se uma pesquisa com 1.067 indivíduos e a análise dos dados foi através da estatística descritiva e multivariada. Os principais resultados revelam maiores níveis de educação financeira entre os homens, solteiros, que não possuem dependentes, estudantes e/ou bolsistas, com um maior nível de escolaridade, tanto seu, quanto dos seus pais, com maiores faixas de renda própria e familiar e residentes na região centro ocidental rio-grandense. Todavia, o nível de educação financeira na amostra de rio-grandenses avaliada atingiu patamares preocupantes, ao acertarem 67% das

Artigo publicado anteriormente nos Anais do XXXIV ENEGEP em 2014.

Artigo submetido em 18 de maio de 2014 e aceito em 02 de dezembro de 2014 pelo Editor Marcelo Alvaro da Silva Macedo, após *double blind review*.

questões de educação básica e 62,34% das questões de educação avançada, revelando um nível médio de educação financeira, porém muito próximo ao nível baixo (abaixo de 60%). Esses resultados geram uma conscientização sobre a necessidade de novos investimentos por parte do governo ou de instituições privadas em programas de educação financeira, voltados principalmente aos grupos que se mostraram com menor conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação financeira. Rio-grandenses. Desenvolvimento.

### **Abstract**

Financial education is a tool to help individuals to take decisions in a more correctly and more efficient way in the monetary context, in face of this importance, the main objective of this study is to investigate the level of financial education of inhabitants of Rio Grande do Sul and identify if there are differences in levels of education according to socioeconomic and demographic variables. To do so, a research has been carried out with 1.067 individuals and analysis of data has been made through descriptive and multivariate statistics. The main results reveal higher levels of financial education for man, single, who have not dependents, and students and /or scholarship students, with a higher level of schooling, as well as their parents', and with higher income average and families who live in central western of Rio Grande do Sul. However, the level of financial education of the target sample evaluated has achieved worrying levels, and 67% of respondents have answered questions related to basic education correctly and 62,34% the high education questions in a correct way, revealing that an average level of financial knowledge, near the low level (below 60%). These results raise awareness about the need for new investments by the government or private institutions in financial education programs, aimed primarily at groups that demonstrated less knowledge.

**Keywords:** Financial education. People from Rio Grande do Sul. Development.

## **1. Introdução**

Um ambiente econômico favorável, com políticas públicas de transferência de renda e evolução de mercados econômicos financeiros faz com que mais pessoas tenham acesso a uma renda mínima e uma ampla variedade de instrumentos financeiros, aumentando o poder de consumo e fazendo com que as mesmas se deparem com o dilema de como administrar aspectos econômicos e financeiros do dia-a-dia. Em função disso, a educação financeira torna-se indispensável, pois auxilia os indivíduos a melhorar sua compreensão sobre os produtos financeiros e seus conceitos e riscos, de maneira que, a partir de informação e recomendação claras, possam desenvolver habilidades e confiança necessárias para tomar decisões fundamentais e seguras (OECD, 2013).

De forma análoga, a educação financeira é observada como a posse de um conjunto de informações que auxiliam as pessoas a manejar sua renda, gerirem seu dinheiro, poupar e investir a curto e longo prazo com segurança (MATTA, 2007). Assim, um maior grau de educação financeira contribui para formar ou amadurecer uma cultura de planejamento, capaz de permitir que a pessoa, conscientemente, possa resistir aos apelos imediatistas e planeje no longo prazo as suas decisões de consumo, poupança e investimento (CARDOZO, 2011). Essa conscientização e absorção de conhecimento fazem com que os indivíduos tornem-se mais bem preparados para realizar sonhos individuais e coletivos, e com isso construir uma base mais segura e sólida para a sociedade e o desenvolvimento do país (ENEF, 2010).

Assim, um nível adequado de educação financeira pode trazer vantagens em todas as idades, independente da classe ou renda, beneficiando igualmente a economia, a sociedade e a situação financeira da família (COMISSÃO EUROPÉIA, 2007). Para isso, antes de promover o conhecimento da população faz-se necessário identificar o nível de educação financeira

desses indivíduos e quais os grupos que devem ser priorizados. Nesse sentido muitas pesquisas têm comprovado que aspectos como gênero (OECD, 2013), idade (LUSARDI; MITCHELL, 2011), estado civil (DISNEY; GATHERGOOD, 2011), renda (MONTICONE, 2010), ocupação (RESEARCH, 2003) e etnia e raça (GRABLE; JOO, 2006) influenciam o nível de educação financeira dos indivíduos.

Partindo da importância da educação financeira para sociedade e para as finanças pessoais das famílias e a possibilidade de se identificar grupos específicos que necessitem de um aperfeiçoamento de seus conhecimentos é que este estudo busca responder a seguinte questão: Qual o nível de educação financeira dos gaúchos? Como objetivos têm-se os seguintes: i) identificar a origem, o controle, o planejamento e a situação financeira pessoal e familiar; ii) desenvolver um indicador para a educação financeira; iii) avaliar o nível de educação financeira do Rio Grande do Sul e iv) identificar se existem diferenças nos níveis de educação financeira segundo variáveis socioeconômicas e demográficas.

## 2. Educação financeira

A ampla variedade de produtos financeiros ofertados no mercado possibilita que um maior número de indivíduos tenham acesso a esses instrumentos, seja investindo, fazendo empréstimos, utilizando o cartão de crédito ou simplesmente abrindo uma conta corrente. Todavia, atuar nesse cenário complexo, de maneira responsável, requer a presença de um conjunto de conhecimentos sobre finanças (REMUND, 2010). Conhecimentos estes, denominados pela literatura como educação financeira, conceituada pela *Organization for Economic Co-Operation and Development* (OECD, 2011), como o processo pelo qual as pessoas melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros, e através de informações, instruções e aconselhamentos desenvolvem habilidade e confiança, tornando-se mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, realizando escolhas mais acertadas.

Em outras palavras, a educação financeira auxilia os indivíduos na gestão dos recursos monetários, pois fornece instruções e informação sobre temas e conceitos financeiros básicos, além de ser útil para a gestão de renda e do orçamento familiar (APB, 2014). Com estas instruções, as pessoas tornam-se mais bem preparadas para realizar seus desejos, pois planejam melhor seus gastos, fazem pesquisa de preços e comparações para aumentar seu poder de compra e assim contribuem favoravelmente para o desenvolvimento do país, além de contribuir para o controle da inflação (ENEF, 2010).

No Brasil, uma maior relevância da educação financeira já vem incrementando-se desde a implantação do Plano Real em 1994, onde a inflação foi reduzida e proporcionou mudanças significativas nos padrões de consumo, levando a uma melhoria nos níveis de emprego, redução de taxas de juros e aumento de prazos para os financiamentos em geral. Em função disso, se tornou fundamental uma maior atenção à maneira com que os indivíduos estão gerenciando sua renda, pois a qualidade das decisões financeiras pode representar a manutenção da sustentabilidade econômica das famílias (KEESE; SCHMITZ, 2010). Sendo assim, a educação financeira é a ferramenta que baliza esta tomada de decisões, pois é por meio dela que as pessoas tornam-se mais informadas a respeito de aspectos financeiros e mais capacitadas para decidir, aproveitar as oportunidades ofertadas e identificar os riscos nelas existentes (AMADEU, 2009).

A importância da educação financeira é reforçada quando se analisa os efeitos adversos da falta de conhecimento sobre a gestão financeira (CHEN; VOLPE, 1998; SHIM *et al.*, 2010; MENDES-DA-SILVA; NAKAMURA; MORAES, 2012). Para Norvilitis *et al.* (2006) e Lyons (2007), a inexperience financeira ou a posse de conhecimentos financeiros limitados ou insuficientes acarretam em maiores dificuldades na compreensão de conceitos financeiros básicos, elevando o risco de o indivíduo incorrer em problemas financeiros, como

a inadimplência e a falência. Corroborando com esses resultados, Beal e Delpachitra (2003) observaram que baixos níveis de educação financeira ocasionam o uso inadequado do cartão de crédito, levando os indivíduos a assumirem compromissos financeiros sem a capacidade de cumpri-los, o que contribui para o aumento do endividamento. De maneira análoga, Lusardi e Tufano (2009) elucidam que as taxas de juros e multas com cartão de crédito de indivíduos com menos educação financeira são 50% maior que a média. Assim, identifica-se que problemas de ordem financeira, muitas vezes, convergem à falta de domínio de conceitos básicos sobre economia e finanças, incluindo os riscos associados a cada opção de investimento, podendo reduzir o bem-estar econômico, conforme estudos realizados pela *Government Accountability Office* (GAO, 2006).

Partindo dessas evidências, constata-se que aumentar o nível de educação financeira dos indivíduos pode contribuir para o fortalecimento da estabilidade econômica, o desenvolvimento dos mercados financeiros e a maior proteção contra crises, abusos dos operadores, ofertas de produtos financeiros ilícitos e infortúnios de modo geral, pois as pessoas estarão aptas a tomarem decisões mais eficientes, consolidando assim a sustentação econômica das famílias e da sociedade (ARAÚJO; SOUZA, 2012).

Em uma pesquisa realizada com alunos de graduação, Shim *et al.* (2010) verificaram que enquanto alguns estudantes buscavam aprender a gerenciar melhor suas finanças, outros adotavam comportamentos de risco. Para os autores, o melhor entendimento do motivo para ocorrência dessa disparidade de comportamento pode ser obtido mediante a análise do perfil socioeconômico e demográfico dos estudantes, tendo em vista sua influência sobre a educação financeira. Além de Shim *et al.* (2010), outras pesquisas têm comprovado associações e influências de variáveis socioeconômicas e demográficas nos níveis de educação financeira dos indivíduos (CHEN; VOLPE, 1998; RESEARCH, 2003; AGARWAL *et al.*, 2009; MONTICONE, 2010; FINKE *et al.*, 2011; HASTINGS; MITCHELL, 2011; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; MOTTOLA, 2013; SCHERESBERG, 2013). As principais variáveis analisadas são o gênero, a idade, o estado civil, o grau de instrução, a renda, o tempo de serviço, a etnia e a raça. O Quadro 1 apresenta uma síntese das relações observadas na literatura entre as variáveis socioeconômicas e a educação financeira.

**Quadro 1 – Síntese das relações entre as variáveis socioeconômicas e a educação financeira**

<b>Variáveis</b>	<b>Relação com a educação financeira</b>	<b>Autores</b>
<b>Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As mulheres geralmente apresentam menores índices de educação financeira do que os homens;</li> <li>- As mulheres são menos propensas a responder às perguntas corretamente e mais propensas a dizer que não sabem a resposta de questões financeiras;</li> <li>- Fazendo um comparativo entre mulheres, aquelas casadas e com renda mais alta possuem melhores níveis de educação financeira.</li> </ul>	Chen e Volpe (1998); Lusardi e Mitchell (2006); Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); OECD (2013).
<b>Idade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A idade média de 30 a 40 anos está associada com os maiores índices de educação financeira.</li> <li>- A educação financeira é baixa entre os mais jovens e mais velhos.</li> <li>- Jovens adultos têm utilizado empréstimos com altos custos.</li> </ul>	Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi e Mitchell (2011); Finke <i>et al.</i> (2011); Atkinson e Messy (2012); Scheresberg (2013).
<b>Estado civil</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os solteiros são significativamente mais propensos a ter menores conhecimentos financeiros do que os casados.</li> </ul>	Research (2003); Brown e Graf (2013)
<b>Escolaridade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aqueles com maiores níveis de educação financeira são os que possuem maiores níveis de escolaridade;</li> <li>- Aqueles com menor nível educacional são menos propensos a responder às perguntas corretamente e mais propensos a dizer que não sabem a resposta.</li> </ul>	Chen e Volpe (1998); Lucci <i>et al.</i> (2011); Amadeu (2009); Disney e Gathergood (2011); Lusardi e Mitchell (2011).
<b>Renda</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de</li> </ul>	Monticone (2010);

	educação financeira. - Educação financeira e riqueza são conjuntamente determinadas e correlacionadas ao longo do ciclo de vida.	Hastings e Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012).
<b>Trabalho</b>	- Indivíduos com maior tempo de serviço são mais educados financeiramente em virtude da maior convivência com questões econômicas e financeiras, enquanto que trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados apresentam atitudes e comportamentos menos desejáveis.	Chen e Volpe (1998); Research (2003).
<b>Etnia e Raça</b>	- Estudantes brancos apresentam melhores níveis de responsabilidade financeira. - Negros e hispânicos são menos propensos a responder corretamente questões deste assunto.	Grable e Joo (2006); Lusardi e Mitchell (2006); Lusardi e Mitchell (2011).

Fonte: Elaborado pelos autores (2014).

### 3. Método

Esta pesquisa foi desenvolvida no estado do Rio Grande do Sul e abrangeu cada uma das sete mesorregiões rio-grandenses. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a divisão regional do Brasil em mesorregiões teve por objetivo identificar e agrupar, para fins estatísticos e de análise, as microrregiões dos estados brasileiros tendo por base três dimensões: o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial. Ainda de acordo com o IBGE, apesar de as mesorregiões serem formadas por municípios com similaridades econômicas e sociais, as mesmas não constituem uma entidade política ou administrativa.

A decisão de investigar as mesorregiões do território gaúcho está atrelada a diversidade econômica, cultural e social encontrada no estado. Segundo a literatura financeira e comportamental, fatores culturais, os quais variam significativamente entre as mesorregiões gaúchas, podem contribuir para a explicação do maior ou menor grau de educação financeira dos indivíduos, por isso realizou-se a pesquisa em todas as mesorregiões do Estado. A amplitude da população do estado do Rio Grande do Sul é de 10.693.929 indivíduos, no entanto, deste total, 7.932.758 são maiores de 18 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Com isso, foi adotado o processo de amostragem, o qual permite selecionar um número adequado de indivíduos de modo que se possam fazer generalizações de forma confiável (MATTAR, 2005). Considerando um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 3,0%, obteve-se uma amostra mínima de 1.067 indivíduos. Para determinar a amostra a ser investigada em cada um dos estratos, calculou-se a porcentagem de participação de cada uma das sete mesorregiões na população total do estado do Rio Grande do Sul.

A aplicação do questionário foi realizada por 10 entrevistadores, em ambiente externo, de forma aleatória, através do contato com moradores dispostos a participar, por meio de visitas domiciliares e a locais públicos nos meses de novembro e dezembro de 2013. O instrumento de coleta de dados foi subdividido em três blocos de questões. A primeira parte refere-se ao perfil, questionando sobre gênero, idade, estado civil, se é estudante e qual o curso e semestre cursado, se é financeiramente independente dos pais e/ou familiares, número de dependentes, nível de escolaridade, nível de escolaridade do pai, nível de escolaridade da mãe, ascendência, ocupação, renda média mensal própria e familiar. O segundo bloco aborda à origem, o controle, o planejamento e à situação financeira pessoal e familiar, tais como fonte de renda familiar, responsabilidade no pagamento das contas, gerenciamento financeiro, experiências financeiras, educação financeira percebido e o local de aprendizagem do mesmo. Estas questões foram adaptadas de Shockey (2002) e da OECD (2013).

Por fim foi construído o indicador para avaliação da educação financeira, a partir de um índice composto por dois conjuntos de questões de múltipla escolha adaptadas de Rooij, Lusardi e Alessie (2011), OECD (2013), Klapper, Lusardi e Panos (2013) e pela *National Financial Capability Study* (NFCS, 2013). O fator, composto por treze questões, visou explorar o nível de conhecimento dos respondentes em relação a questões de inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos. O primeiro conjunto (educação básica), composto por oito perguntas, visou medir habilidades financeiras básicas, como o entendimento de questões relacionadas à taxa de juros simples e composta, ao valor do dinheiro no tempo e a operações matemáticas simples. O segundo grupo (educação avançada), composto por cinco questões, buscou explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros complexos, tais como ações, títulos públicos, inflação e diversificação de risco. Dessa forma, o fator educação financeira é composto pela média da pontuação obtida nas questões de conhecimento básico e avançado. Para cada uma das oito questões de educação básica foi atribuído peso 1,0 para a resposta correta e para cada uma das cinco questões de educação avançada foi atribuído peso 2,0. Assim, o indivíduo que acertou as oito questões de conhecimento básico atingiu uma pontuação média de 1,0 ponto, enquanto que o indivíduo que acertou todas as questões de conhecimento avançado atingiu uma pontuação média de 2,0 pontos.

Dessa forma, o índice de educação financeira varia de 0 (pontuação obtida se o indivíduo errar todas as questões) a 3,0 (pontuação obtida caso o indivíduo acerte todas as questões). De acordo com a pontuação obtida, os respondentes foram classificados como detentores de baixo nível de educação financeira (pontuação inferior a 60% do máximo, ou seja, pontuação inferior a 1,80), nível mediano de educação financeira (entre 60% e 79% da pontuação máxima, ou seja, pontuação entre 1,81 e 2,37) e alto nível de educação financeira (acima de 80% da pontuação máxima, ou seja, pontuação superior a 2,40 pontos). Tal classificação foi estabelecida por Chen e Volpe (1998).

Para a análise dos dados utilizou-se o *software* SPSS 20.0®. Em um primeiro momento foi utilizada a estatística descritiva das variáveis visando caracterizar a amostra e descrever a educação financeira dos indivíduos. A fim de traçar um panorama geral do perfil dos respondentes foi calculada a frequência, já para melhor compreender a educação financeira dos respondentes, além do cálculo de frequência e percentual válido de acertos, utilizou-se a média, mediana e o desvio-padrão.

Por fim, para identificar se há diferença no nível de educação financeira ao considerar fatores socioeconômicos e demográficos realizou-se os testes de diferença de média (Teste *t*) e a análise de variância (ANOVA). Para determinar se o teste *t* é homocedástico ou heterocedástico foi aplicado o teste de igualdade de variâncias, conforme determina Pestana e Gageiro (2008). A fim de verificar se há diferença de média para variáveis com mais de dois grupos foi aplicada a análise de variância (ANOVA), a qual permite comparar, simultaneamente, a média de vários grupos. Além disso, foi realizado o teste para verificar se as diferenças na análise de variância possuem uma tendência linear.

#### 4. Análise dos resultados

Ao final do período de coleta, os respondentes totalizaram 1.576 indivíduos, divididos conforme as mesorregiões: Noroeste (200); Nordeste (105); Centro Ocidental (432), Centro Oriental (149), Metropolitana (360), Sudoeste (179), Sudeste (151). Quanto ao perfil, percebe-se que a maioria pertence ao gênero feminino (56%), é solteiro (61,90%), de ascendência brasileira (69,90%) e não possuem dependentes (70,40%). Além de possuírem idade média de 30 anos e intitular-se como empregados assalariados (35%). No que tange a escolaridade, 40,90% possuem ensino superior completo, 51,80% ainda estão estudando, Potrich, A. C. G.; Vieira, K. M.; Campara, J. P.; Fraga, L. S.; Santos, L. F. O.

sendo que 82,10% destes cursam faculdades que possuem disciplinas atreladas às finanças. O nível de escolaridade, tanto do pai (48,10%), quanto da mãe (44,30%), é ensino fundamental completo. Conhecendo o perfil dos entrevistados, investigou-se a origem e a responsabilidade financeira (Tabela 1).

**Tabela 1– Origem e responsabilidade financeira segundo as variáveis: renda mensal própria, renda mensal familiar, fonte de renda, responsável por prover os recursos e por realizar o pagamento das contas**

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual <sup>1</sup>
<b>Faixa de renda média mensal própria</b>	Até R\$ 700,00	315	20,30%
	Entre R\$ 700,01 e R\$ 1.400,00	446	28,70%
	Entre R\$ 1.400,01 e R\$ 2.100,00	242	15,60%
	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 3.500,00	191	12,30%
	Entre R\$ 3.500,01 e R\$ 7.000,00	129	8,30%
	Entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00	34	2,20%
	Mais de R\$ 14.000,00	6	0,40%
	Não possui renda própria	190	12,20%
<b>Faixa de renda média mensal familiar</b>	Até R\$ 700,00	45	2,90%
	Entre R\$ 700,01 e R\$ 1.400,00	176	11,40%
	Entre R\$ 1.400,01 e R\$ 2.100,00	243	15,70%
	Entre R\$ 2.100,01 e R\$ 3.500,00	389	25,20%
	Entre R\$ 3.500,01 e R\$ 7.000,00	425	27,50%
	Entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00	194	12,50%
	Mais de R\$ 14.000,00	74	4,80%
<b>Qual a principal fonte de renda da sua família?</b>	Salário	1041	67,20%
	Aposentadoria ou pensão	112	7,20%
	Benefícios/subsídios do governo	13	0,80%
	Ganhos próprios ou provenientes do negócio da família	368	23,80%
	Auxílio de membros da família que não vivem na casa	9	0,60%
	Auxílio de outra(s) pessoa(s)	6	0,40%
<b>Quem é o responsável por prover recursos para o pagamento das contas na sua família?</b>	Você	254	16,20%
	Você e seu(a) parceiro(a)	416	26,50%
	Seu(a) parceiro(a)	42	2,70%
	Você e outro membro da família	235	15,00%
	Seus pais	611	39,00%
	Outra pessoa	10	0,60%
<b>Quem é responsável por realizar o pagamento das contas na sua família?</b>	Você	327	20,80%
	Você e seu(a) parceiro(a)	364	23,20%
	Seu(a) parceiro(a)	47	3,00%
	Você e outro membro da família	238	15,20%
	Seus pais	584	37,20%
	Outra pessoa	10	0,60%

<sup>1</sup>Considera-se os percentuais válidos ao número de respondentes de cada questão.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Percebe-se que quase metade dos indivíduos possuem uma renda média mensal própria de até R\$ 1.400,00 (49%) e que apenas 10,90% dos respondentes possuem uma renda acima de R\$ 3.500,00 mensais. Além disso, uma parcela expressiva da amostra (12,20%) não possui renda, justificada principalmente pelos estudantes que ainda são dependentes financeiramente de seus pais e/ou familiares. Já ao analisar a renda média mensal familiar, encontra-se mais da metade dos indivíduos pertencentes à faixa de renda que varia entre R\$ 2.100,01 a R\$ 7.000,00 (52,70%) e apenas 14,30% possuem uma renda familiar de até R\$ 1.400,00. Tendo como principais fontes de renda provenientes de salários (67,20%) e de ganhos próprios ou do negócio da família (23,80%). Estes resultados demonstram que no

contexto familiar, o respondente não é o único a prover recursos para o sustento da família, uma vez que as mulheres e jovens estão cada vez mais inseridos no mercado de trabalho. No período entre 2000 e 2010, as mulheres brasileiras responsáveis pela família passaram de 22,2% para 37,3%, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas em 2010 (IBGE, 2010).

Sendo assim, indagou-se sobre a responsabilidade por prover recursos para o pagamento das contas da família e a responsabilidade por realizar o pagamento das mesmas. Quanto à responsabilidade por prover recursos, apenas 16,20% afirmam serem os únicos responsáveis por tal; no entanto, 26,50% indicam a divisão da responsabilidade com seu parceiro e para 39% esta responsabilidade ainda está de posse dos pais. De forma similar acontece quanto à responsabilidade por realizar o pagamento das contas, em que 37,20% afirmam que tal responsabilidade é dos pais, seguidos pela divisão entre o respondente e seu parceiro (23,20%). Para complementar a análise da responsabilidade financeira, os respondentes foram questionados sobre o planejamento e controle financeiro (Tabela 2).

**Tabela 2 – Planejamento e controle financeiro segundo as variáveis: planejamento financeiro, responsável pelas decisões, monitoramento dos gastos, verificação do saldo bancário, conhecimento e local de aprendizado**

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual <sup>1</sup>
<b>Sua família faz um planejamento financeiro?</b>	Não	539	34,60%
	Sim	1019	65,40%
<b>Quem é o responsável pelas DECISÕES financeiras tomadas em sua família?</b>	Você	238	15,20%
	Você e seu(a) parceiro(a)	463	29,60%
	Seu(a) parceiro(a)	21	1,30%
	Você e outro membro da família	268	17,10%
	Seus pais	562	35,90%
	Outra pessoa	14	0,90%
<b>Qual das seguintes afirmações MELHOR descreve o quanto você monitora seus gastos regulares?</b>	Mantenho uma planilha de controle de todos os meus gastos	322	20,50%
	Mantenho uma planilha de controle apenas dos gastos principais	295	18,80%
	Não mantenho uma planilha de controle, mas controlo os meus gastos	815	51,90%
	Não costumo controlar meus gastos	139	8,80%
<b>Com que frequência você verifica seu saldo bancário?</b>	Diariamente	179	11,40%
	Semanalmente	586	37,40%
	A cada duas semanas	229	14,60%
	Mensalmente	435	27,80%
	Anualmente	25	1,60%
	Nunca	111	7,10%
<b>Em comparação com as outras pessoas que você conhece, o quanto você sabe sobre como gerenciar o seu dinheiro?</b>	Mais do que a maioria	640	40,90%
	O mesmo que a maioria	670	42,80%
	Menos do que a maioria	103	6,60%
	Não sei	153	9,80%
<b>Onde você MAIS aprendeu sobre como gerenciar o seu dinheiro?</b>	Em casa com a minha família	648	42,00%
	Na escola ou na faculdade	172	11,20%
	Em cursos	57	3,70%
	Nas conversas com amigos	29	1,90%
	Na internet, revistas, livros, tv ou rádio	74	4,80%
	Sozinho, nas experiências ao gerenciar meu dinheiro	538	34,90%
	Outros	24	1,60%

<sup>1</sup> Considera-se os percentuais válidos ao número de respondentes de cada questão.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).



Os dados acerca do planejamento financeiro demonstram que a maioria dos indivíduos realiza um planejamento financeiro familiar (65,40%). Os pais são apontados por 35,90% dos entrevistados como sendo os responsáveis pelas decisões financeiras que são tomadas na família, seguidos pela divisão das decisões entre o respondente e seu parceiro (29,60%). Outro ponto pesquisado e fundamental para a eficácia de um bom planejamento financeiro foi o monitoramento que os indivíduos possuem de seus gastos. A maioria afirma que os controla, no entanto, não possui uma planilha de controle para os mesmos (51,90%) e apenas 8,80% atestam que não costumam controlá-los. Corroborando este resultado, encontra-se uma pesquisa realizada pela OECD na América Latina e Caribe, onde se constatou que no Brasil e no Peru, entre 70% e 80% dos entrevistados indicaram possuir um controle sobre a sua gestão financeira. Já no Chile menos de metade da população indica ter um controle sobre suas despesas (GARCÍA *et al.*, 2013).

Um dos controles questionados foi a frequência com que os indivíduos verificam seu saldo bancário e averiguou-se que 37,40% o verificam semanalmente, porém uma parcela expressiva dos respondentes, apenas o faz uma vez no mês (27,80%) e alguns ainda o fazem de forma mais errônea, anualmente (1,60%), podendo acarretar com isso, em cobranças de juros e taxas, caso haja algum débito não previsto. No que tange a percepção dos indivíduos quanto ao conhecimento em gerenciar seu dinheiro, notou-se que os respondentes percebem-se sabendo o mesmo que a maioria (42,80%) e muitos ainda consideram saber mais do que a maioria da população (40,90%), sendo que apenas 6,60% afirmam saber menos. De forma similar, Shockey (2002) encontrou em seus resultados que a maior parte dos pesquisados considera saber o mesmo que a maioria da população (45%), seguido daqueles que acreditam saber mais (30%) e cerca de 12% percebem-se com menor conhecimento do que a maioria.

Neste contexto, foram questionados sobre a maneira pela qual aprenderam a realizar este gerenciamento e verificou-se que a aprendizagem se deu principalmente em casa com a família (42%) e nas experiências ao gerenciar sozinho o próprio dinheiro (34,90%). Um ponto preocupante encontrado nesta questão foi o fato de apenas 11,20% dos respondentes apontarem como local de aprendizagem a escola ou a faculdade, pois estes deveriam ser locais em que se propiciasse o estímulo e a busca pelo aprendizado financeiro, principalmente porque a maioria dos estudantes que responderam à pesquisa está inserida em cursos que apresentam em sua grade curricular disciplinas relativas às finanças. Nos resultados encontrados por Shockey (2002) a maior parte dos americanos vinculou o seu aprendizado financeiro às experiências pessoais (60%) e, da mesma forma que os achados nesta pesquisa, apenas 12% apontam a escola ou faculdade como o local de maior aprendizagem financeira.

Assim, de posse do conhecimento do controle financeiro dos indivíduos, buscou-se avaliar a situação financeira dos mesmos através de questões que abordam a independência financeira, a descrição e satisfação com a situação financeira e a dificuldade em cumprir com os compromissos financeiros, as quais estão apresentadas na Tabela 3.

Percebe-se que a maioria dos respondentes é financeiramente independente de seus pais (57,60%) e para 49,90% é correto afirmar que pagam todas as contas e possuem o suficiente para gastos esporádicos. Em contrapartida, apenas 4,30% dos indivíduos afirmam não conseguir pagar todas as contas mensais e 29,10% possuem mais do que precisam para pagar todas as contas e assim, sobrar alguma parcela para economizar. Além disso, a maior parte dos indivíduos sente-se satisfeito com sua situação financeira (49,10%) e para 63,30% é fácil cumprir com seus compromissos financeiros mensais. No entanto, uma parcela relevante da amostra sente-se insatisfeito com sua situação financeira (30,80%), além de 27,60% afirmarem ser difícil cumprir com os compromissos mensais. Resultados similares foram encontrados por Shockey (2002) ao questionar a situação financeira dos indivíduos, onde 50% deles afirmam pagar suas contas mensais e sobrar um pouco para gastos esporádicos, além de

apenas 11% declararem possuir mais do que necessitam e com isso conseguem realizar uma poupança mensal, em comparação aos 29,10% dos respondentes neste estudo.

**Tabela 3 – Perfil da situação financeira através das variáveis: independência financeira, descrição e satisfação com a situação financeira e dificuldade em cumprir com os compromissos financeiros**

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual <sup>1</sup>
<b>Você é financeiramente independente de seus pais e/ou familiares?</b>	Não	662	42,40%
	Sim	900	57,60%
<b>Qual frase MELHOR descreve a situação do dinheiro na sua família?</b>	Usualmente, temos mais do que precisamos para pagar todas as contas mensais e podemos economizar ou comprar coisas extras	457	29,10%
	Pagamos todas as contas e temos o suficiente para gastos esporádicos (ex. presentes de aniversário)	783	49,90%
	Pagamos todas as contas, mas NÃO temos o suficiente para gastos esporádicos (ex. presentes de aniversário)	260	16,60%
	Geralmente, NÃO conseguimos pagar todas as contas mensais	68	4,30%
<b>No geral, quão satisfeito você está com sua situação financeira?</b>	Totalmente insatisfeito	69	4,40%
	Insatisfeito	484	30,80%
	Indiferente	176	11,20%
	Satisfeito	771	49,10%
	Totalmente satisfeito	69	4,40%
<b>Em um mês normal, quão difícil é pra você cumprir com seus compromissos financeiros?</b>	Extremamente difícil	34	2,20%
	Difícil	434	27,60%
	Fácil	994	63,30%
	Extremamente fácil	109	6,90%

<sup>1</sup> Considera-se os percentuais válidos ao número de respondentes de cada questão.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Após conhecer o perfil dos respondentes e alguns aspectos relacionados à origem, ao controle, ao planejamento e à sua situação financeira, o estudo buscou compreender os resultados correspondentes a educação financeira. As questões da escala e a frequência de respostas corretas e incorretas e daquelas referentes às perguntas que os entrevistados não souberam responder, além do percentual de acertos, estão demonstradas na Tabela 4 (no anexo).

O conjunto de questões do fator educação financeira básica teve por objetivo mensurar o entendimento dos indivíduos quanto a aspectos corriqueiros, como taxas de juros simples e compostos, valor do dinheiro no tempo e operações matemáticas simples. Percebe-se assim, que em média, os respondentes obtiveram um nível intermediário de educação financeira básica (entre 60% e 79%), principalmente em questões que tratam de taxas de juros. As duas únicas questões que apresentaram um alto nível de conhecimento (acima de 80%) foram as que abordaram operações matemáticas simples, ao perguntar sobre uma simples divisão (R\$ 1.000,00 / 5 amigos) e diferenciar a melhor alternativa entre duas opções de desconto. Ainda assim, duas perguntas obtiveram um baixo nível de educação financeira (inferior a 60%), onde uma delas tratava de juros compostos e a outra, com o menor nível de acerto (49,90%), que abordava o entendimento sobre o valor do dinheiro no tempo, indicando que os respondentes têm dificuldade em compreender a desvalorização do dinheiro ao longo do tempo.

O segundo grupo de questões, referente à educação financeira avançada, buscou explorar o nível de conhecimento em relação a instrumentos financeiros mais complexos. Duas questões apresentaram um nível médio de conhecimento, ao tratar da oscilação na rentabilidade das ações ao longo do tempo (72,05%) e do entendimento da relação entre risco e retorno (70,40%). Além disso, duas perguntas que abordavam a diversificação de investimentos (57,36%) e o ativo que oferece maior retorno (27,23%) obtiveram um baixo nível de educação financeira, sendo que esta última apresentou uma distribuição similar de respostas entre as alternativas e 26,40% dos indivíduos não souberam respondê-la. A única questão que obteve um alto nível de educação financeira avançada foi a que abordava o entendimento do aumento do custo de vida, ocasionado pelo aumento da inflação (88,05%). Este resultado pode ser justificado pela situação que o Brasil viveu alguns anos atrás, com altas oscilações diárias na taxa de inflação e por este motivo, a população presenciou o aumento do custo de vida.

Assim, verificou-se o nível médio de compreensão que os indivíduos possuem em relação a assuntos que podem ser vistos e acompanhados quase que diariamente nos noticiários ou até vivenciados em situações de compra de mercadorias. Ao analisar o número de acertos por respondente, constatou-se que 2,22% dos respondentes não acertaram ou não souberam responder a nenhuma das treze questões propostas e somente 3,87% acertaram todas as questões, porém mais da metade dos indivíduos respondeu corretamente no mínimo 66% das perguntas. Para melhor visualizar esse panorama, a Tabela 5 apresenta a estatística descritiva do construto educação financeira.

**Tabela 5 – Estatística descritiva da educação financeira básica, educação financeira avançada e educação financeira total**

<b>Construto</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Educação Financeira Básica	0,67	0,75	0,24
Educação Financeira Avançada	1,25	1,20	0,55
Educação Financeira Total (Básica + Avançada)	1,92	2,08	0,72

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

O desempenho atingido pelos respondentes resultou em uma média de educação financeira básica de 0,67, considerando-se um nível máximo de 1,0 ponto, e de educação financeira avançada de 1,25, considerando-se um nível máximo de 2,0 pontos. Assim, em média, os pesquisados acertaram 67% das questões básicas e 62,34% das avançadas. Com isso, o índice de educação financeira total apresentou uma média de 1,92, o que significa que os respondentes acertaram 63,89% das treze questões propostas. Com base na classificação proposta por Chen e Volpe (1998), verificou-se que, em média, os indivíduos possuem um nível intermediário de educação financeira (entre 60% e 79% de acertos), porém, próximo ao baixo nível (abaixo de 60%), o que se mostra preocupante, na medida em que o entendimento sobre taxas de juros, inflação e valor do dinheiro no tempo é imprescindível para a realização de transações financeiras cotidianas. No entanto, apresentaram um nível de conhecimento em questões básicas, as quais são mais necessárias às operações financeiras realizadas diariamente, superior ao das questões consideradas avançadas de educação financeira.

O baixo nível de educação financeira encontrado não é exclusividade dessa pesquisa. Nos últimos anos, diferentes pesquisadores vêm se preocupando em investigar o nível de educação financeira, tanto de estudantes quanto da população em geral, e vem obtendo resultados bastante preocupantes, dado os níveis insatisfatórios encontrados, sejam em questões de gestão financeira pessoal ou em questões mais específicas, tais como crédito, empréstimo, poupança e investimento (LUSARDI; MITCHELL, 2007; LUSARDI; TUFFANO, 2009; DISNEY; GATHERGOOD, 2010; LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011).

Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas...

Em âmbito brasileiro, um estudo realizado por Matta (2007) com alunos de graduação de cursos específicos na área das Ciências Sociais e Aplicadas, como Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, revelou o baixo nível de educação financeira dos estudantes. Verificou-se que 40,7% dos universitários não acertaram mais de 60% das questões, o que aponta para a necessidade de maiores informações relativa aos aspectos financeiros. Ansong (2011) em uma pesquisa realizada com alunos de graduação da *University of Cape Coast* (Ghana, África Ocidental) também observou que, em média, somente 35% das questões foram respondidas corretamente, revelando um desempenho bastante aquém do desejado.

Cabe destacar que baixos níveis de educação financeira não são restritos aos países subdesenvolvidos. Um estudo realizado por Sekita (2011), no Japão, revelou que 62% dos estudantes pesquisados afirmaram não ter conhecimento suficiente para responder a questões sobre taxa de juros, efeito conjunto de taxas de juros e inflação, diversificação de investimento e risco. Lusardi, Mitchell e Curto (2010), em estudo realizado com residentes dos Estados Unidos, também observaram baixos níveis de educação financeira entre os jovens, à proporção que apenas 27% responderam corretamente as três questões propostas.

Posteriormente às conclusões auferidas sobre o nível de educação financeira dos respondentes, busca-se identificar possíveis diferenças entre o nível de educação financeira dos indivíduos segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas (Tabela 6).

**Tabela 6 – Valor e significância do Teste *t* (1) e ANOVA (2) para as variáveis socioeconômicas e demográficas do construto educação financeira**

Construto	Variáveis	Educação Financeira Básica		Educação Financeira Avançada		Educação Financeira Total	
		Valor	Sig.	Valor	Sig.	Valor	Sig.
Educação Financeira	Gênero (1)	<b>6,395</b>	<b>0,000</b>	<b>7,773</b>	<b>0,000</b>	<b>8,104</b>	<b>0,000</b>
	Idade (1)	0,025	0,995	1,572	0,194	0,838	0,473
	Estado Civil (2)	<b>4,971</b>	<b>0,007</b>	<b>7,139</b>	<b>0,001</b>	<b>7,140</b>	<b>0,001</b>
	Estudante (1)	<b>-3,626</b>	<b>0,000</b>	<b>-6,187</b>	<b>0,000</b>	<b>-5,936</b>	<b>0,000</b>
	Dependentes (1)	0,370	0,711	<b>3,731</b>	<b>0,000</b>	<b>2,963</b>	<b>0,003</b>
	Escolaridade (2)	<b>10,255</b>	<b>0,000</b>	<b>14,435</b>	<b>0,000</b>	<b>15,868</b>	<b>0,000</b>
	Escolaridade do pai (2)	<b>3,057</b>	<b>0,009</b>	<b>6,518</b>	<b>0,000</b>	<b>6,388</b>	<b>0,000</b>
	Escolaridade da mãe (2)	<b>3,964</b>	<b>0,001</b>	<b>6,599</b>	<b>0,000</b>	<b>6,819</b>	<b>0,000</b>
	Ascendência (2)	<b>3,642</b>	<b>0,003</b>	<b>4,531</b>	<b>0,000</b>	<b>5,028</b>	<b>0,000</b>
	Ocupação (2)	<b>5,290</b>	<b>0,000</b>	<b>4,408</b>	<b>0,000</b>	<b>5,327</b>	<b>0,000</b>
	Mesorregião (2)	<b>4,899</b>	<b>0,000</b>	<b>4,806</b>	<b>0,000</b>	<b>5,509</b>	<b>0,000</b>
	Renda própria (2)	<b>8,589</b>	<b>0,000</b>	<b>6,036</b>	<b>0,000</b>	<b>7,769</b>	<b>0,000</b>
Renda familiar (2)	<b>18,311</b>	<b>0,000</b>	<b>16,991</b>	<b>0,000</b>	<b>21,123</b>	<b>0,000</b>	

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tendo em vista os resultados encontrados, nota-se que apenas a variável idade não apresentou diferença significativa nos três construtos investigados (educação financeira básica, avançada e total), além do número de dependentes para a educação financeira básica. As demais variáveis apresentaram diferença entre os grupos, sendo analisadas individualmente.

Em relação ao gênero, os homens são detentores de maior educação financeira do que as mulheres, tanto na educação financeira total, quanto na básica e avançada, apresentando médias 2,08; 0,71 e 1,36, respectivamente, enquanto que as mulheres obtiveram médias de 1,79; 0,63 e 1,15. Tal fato também foi verificado por diversos autores ao encontrarem que as mulheres geralmente apresentam menores níveis de educação financeira do que os homens (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2006; AGARWAL *et al.*, 2009; LUSARDI;

MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; LUSARDI; WALLACE, 2013; BROWN; GRAF, 2013; MOTTOLA, 2013).

Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, Lusardi e Mitchell (2011) constataram que as mulheres são significativamente menos propensas a responder às perguntas corretamente e mais propensas a dizer que não sabem a resposta. Este fato é notavelmente semelhante em países financeiramente diferentes como a Austrália, a França e a Romênia (LUSARDI; WALLACE, 2013). Por outro lado, as mulheres também avaliam seu próprio nível de educação financeira de forma mais conservadora. Segundo Lusardi e Mitchell (2011), este fato é verdade em quase todos os países, tanto nos países desenvolvidos, como nos países em desenvolvimento.

Estudos realizados por Chen e Volpe (1998) e Lusardi e Mitchell (2006) ampliam as evidências de que as mulheres apresentam maior dificuldade em realizar cálculos financeiros e possuem menores níveis de conhecimento, o que acaba por dificultar a habilidade de tomada de decisões financeiras responsáveis. Estas diferenças encontradas no gênero podem ser resultado da socialização dos indivíduos, uma vez que os homens tendem a ver o dinheiro como poder e acreditam que ter dinheiro vai torná-los mais socialmente desejável, enquanto as mulheres parecem ter uma abordagem mais passiva em relação ao dinheiro (CALAMATO, 2010).

Ao analisar o estado civil, notou-se que os indivíduos solteiros são os que apresentam o maior nível de educação financeira básica, avançada e total, com médias de 0,68; 1,27 e 1,94, respectivamente. No entanto, apresentam níveis de conhecimento muito próximos aos casados (médias 0,67; 1,23 e 1,91), sendo que estes dois grupos diferem significativamente dos que se intitulam como separados, divorciados ou viúvos (médias 0,58; 1,02 e 1,60). Este resultado se assemelha ao que foi encontrado por Disney e Gathergood (2011), ao observarem que as maiores pontuações de educação financeira são tipicamente encontradas em indivíduos propensos a se casar ou já casados.

Constatou-se também que as pessoas que não possuem dependentes (como filhos, por exemplo) alcançaram maiores níveis de educação financeira do que aqueles que possuem, sendo que esta diferença não foi significativa apenas para a educação financeira básica. Tal resultado é ratificado pelo encontrado por Mottola (2013), ao detectar que famílias com dependentes são mais propensas a possuírem níveis baixos de alfabetização financeira. Além disso, os indivíduos que se declararam com ascendência alemã são os que apresentaram o maior nível de educação financeira (médias 0,71 – básica; 1,35 – avançada e 2,06 – total).

No que tange ao respondente ser estudante, aqueles que são estudantes (médias 0,69 – básica; 1,33 – avançada e 2,02 – total) apresentaram maiores níveis dos que não são (médias 0,65 – básica; 1,16 – avançada e 1,80 – total). Neste mesmo contexto, ao analisar a escolaridade, os que possuem mestrado, doutorado e/ou pós-doutorado são os detentores de maior conhecimento (médias 0,75 – básica; 1,42 – avançada e 2,17 – total), em contrapartida aos que possuem apenas o ensino fundamental (médias 0,53 – básica; 0,85 – avançada e 1,38 – total). Além disso, percebe-se que a escolaridade possui uma tendência linear nos três níveis de educação financeira investigados ( $F= 28,940$  ; sig.= 0,000 – básica;  $F= 38,787$  ; sig.= 0,000 – avançada e  $F= 43,314$  ; sig.= 0,000 – total), ou seja, ao aumentar o nível de escolaridade do indivíduo, maior é o seu nível de educação financeira.

Corroborando com tal evidência, Amadeu (2009) em estudo realizado com estudantes universitários brasileiros, encontrou que o maior contato, durante a graduação ou em cursos especializados, com disciplinas de cunho financeiro ou econômico influencia positivamente nas práticas financeiras cotidianas. Lusardi e Mitchell (2011) também concluíram que os indivíduos com menor nível educacional são menos propensos a responder às perguntas corretamente, e também mais propensos a dizer que não sabem a resposta. Ainda, Agarwalla *et al.* (2012), encontraram que o nível de escolaridade é um fator significativo para explicar o

nível de educação financeira dos indivíduos, onde os altamente qualificados, graduados e pós-graduados apresentaram os maiores níveis de educação financeira.

Resultados similares foram encontrados quando se analisou a influência da escolaridade do pai e da mãe dos respondentes, verificando que os indivíduos que possuem pais e mães com alto nível de escolaridade são os que apresentam os maiores níveis de educação financeira, sendo a escolaridade do pai em nível de mestrado, doutorado e/ou pós-doutorado (médias 0,75 – básica; 1,54 – avançada e 2,29 – total) e a escolaridade da mãe com nível de especialização ou MBA (médias 0,76 – básica; 1,42 – avançada e 2,18 – total). Já os que apresentaram os menores níveis de educação financeira são os que possuem pais com escolaridade até o ensino fundamental. Além disso, verificou-se que as escolaridades apresentaram tendências lineares, tanto a do pai ( $F= 11,8040$ ; sig.= 0,001 – básica;  $F= 28,254$ ; sig.= 0,000 – avançada e  $F= 27,231$ ; sig.= 0,000 – total), como a da mãe ( $F= 12,302$ ; sig.= 0,000 – básica;  $F= 19,238$ ; sig.= 0,000 – avançada e  $F= 20,539$ ; sig.= 0,000 – total). Com isso, conclui-se que ao aumentar a escolaridade dos pais, o nível de educação financeiras dos filhos também aumenta.

Tal resultado também foi evidenciado por Agarwalla *et al.* (2012), ao encontrarem que filhos de pais que possuem maiores níveis de escolaridade são menos propensos a estarem na categoria de baixa educação financeira. Shim *et al.* (2013) também evidenciaram que o papel dos pais são multifacetados e exercem uma variedade de influências na formação de estilos de identidade financeira de seus filhos. Segundo Agarwalla *et al.* (2012), isso sugere que o envolvimento da família faz com que seus filhos tornem-se mais conscientes dos princípios financeiros pessoais. Justificado pelo fato da família ser o mais importante agente de socialização, uma vez que os indivíduos são fortemente condicionados por suas experiências de aprendizagem durante a infância, onde o autoconceito formado durante este período tende a desempenhar um papel no seu comportamento futuro (LIAO; CAI, 1995).

Inserida neste mesmo contexto, está a variável ocupação, onde os indivíduos pertencentes a outras ocupações são os que apresentam os maiores níveis de educação financeira (médias 0,73 – básica; 1,39 – avançada e 2,13 – total) e os aposentados os que apresentam os menores (médias 0,62 – básica; 1,04 – avançada e 1,66 – total). No entanto, salienta-se que o grupo denominado com outras ocupações é formado em sua maioria por estudantes e bolsistas, justificando o maior nível de educação encontrada. De acordo com Agarwalla *et al.* (2012), a fase mais crítica na vida financeira dos indivíduos é a aposentadoria, onde os níveis de renda declinam abruptamente e com isso, associa-se o fato dos aposentados apresentarem menores níveis de conhecimento.

Além disso, identificaram-se diferenças significativas entre a educação financeira dos residentes nas sete mesorregiões investigadas, encontrando na Centro Ocidental Rio-grandense, a mesorregião na qual os habitantes possuem um maior nível de educação financeira, contrastando com a mesorregião Nordeste Rio-Grandense a que exibe os menores níveis.

Por fim, em relação à renda própria e familiar, os respondentes que se encontram nas maiores faixas de renda são os que apresentam os melhores níveis de educação financeira, sendo na faixa própria os que recebem entre R\$ 7.000,01 e R\$ 14.000,00 (médias 0,79 – básica; 1,47 – avançada e 2,26 – total) e na faixa familiar mais de R\$ 14.000,00 (médias 0,77 – básica; 1,48 – avançada e 2,25 – total). Já os que demonstram os piores níveis são aqueles que apresentam em ambas as faixas, rendas de até R\$ 700,00. Corroborando com tal evidência, Atkinson e Messy (2012) descobriram que os baixos níveis de renda estão associados com menores níveis de educação financeira, na medida em que indivíduos de baixa renda podem enfrentar maiores dificuldades no acesso à educação. Já Hastings e Mitchell (2011) forneceram evidências experimentais no Chile para mostrar que a educação financeira está relacionada com a riqueza dos indivíduos. Tais resultados podem ser

justificados pelo fato dos indivíduos com baixa renda serem mais propensos a abandonarem a escola, que, em longo prazo, contribui para o seu analfabetismo financeiro (CALAMATO, 2010).

## 5. Considerações finais

A evolução do mercado financeiro e o aumento do crédito e renda das famílias exigem que a sociedade em geral seja preparada de forma mais eficiente para administrar sua vida financeira, ou seja, tenha uma educação financeira maior. Diante disso, este trabalho teve por objetivo desenvolver um modelo para medir a educação financeira dos cidadãos rio-grandenses, avaliando o nível de educação financeira dos gaúchos e identificando se existem diferenças nos níveis de educação segundo variáveis socioeconômicas e demográficas.

Encontrou-se, assim, que a maioria dos entrevistados são estudantes, sendo que 82,10% destes estão em graduações que possuem na grade curricular matérias relacionadas às finanças e 65,40% do total da amostra relata realizar um planejamento financeiro. Diante disso, esperava-se que o nível de educação financeira dos respondentes fosse satisfatório. Todavia, esta prerrogativa não foi evidenciada, uma vez que a amostra de rio-grandenses avaliada acertou 67% das questões de educação básica e 62,34% das questões de educação avançada, revelando um nível intermediário de educação financeira, porém muito próximo ao baixo nível (abaixo de 60%).

Esse fato mostra-se preocupante, na medida em que o entendimento sobre questões financeiras é imprescindível para a gestão eficiente dos recursos monetários. Diante dessa constatação, dos resultados auferidos nessa pesquisa e de relatos de várias outras pesquisas sobre a falta de educação financeira é que se evidencia a urgência e necessidade de serem desenvolvidas ações efetivas para minimizar o problema da falta de educação financeira, como o desenvolvimento e à adoção de programas educativos.

Para o desenvolvimento desses programas, é indispensável à identificação de grupos específicos que revelem uma maior necessidade de conhecimento. A partir disso, identifica-se que os indivíduos que apresentaram os maiores níveis de educação financeira pertencem ao gênero masculino, são solteiros, não possuem dependentes, são estudantes e/ou bolsistas, com um maior nível de escolaridade, tanto seu, quanto dos seus pais, possuem as maiores faixas de renda própria e familiar e residem no Centro Ocidental Rio-grandense. Com posse dessas informações, a relevância deste estudo amplia-se, pois proporciona a órgãos governamentais, os quais já vêm realizando programas de educação financeira para a sociedade, que maximizem seus esforços para atingir os grupos específicos de indivíduos que apresentam menores níveis de educação financeira e por isso, necessitam de um maior suporte.

Para os próximos trabalhos, sugere-se a reaplicação do modelo em outras amostras, a fim de comparar outras realidades socioeconômicas e demográficas, dado que o Brasil é um país com muitas culturas e diferenças regionais e estas impactam nos níveis de educação e desenvolvimento econômico. Como limitação do estudo destaca-se a possível omissão de respostas por parte dos entrevistados, visto que as variáveis questionadas abordam aspectos financeiros pessoais.

## Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

## Referências

AGARWAL, S.; DRISCOLL, J.; GABAIX, X.; LAIBSON, D. The age of reason: financial decisions over the lifecycle with implications for regulation. **Brookings Papers on Economic Activity Fall**, p. 51–101, 2009.

AGARWALLA, S. K.; BARUA, S.; JACOB, J.; VARMA, J.R. **A Survey of Financial Literacy among Students, Young Employees and the Retired in India**. In: Indian Institute of Management Ahmedabad - Citi Financial Literacy Symposium, June 2012. Disponível em: <<http://www.iimahd.ernet.in/fls/fls12/youngemployessandretired2012.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

AMADEU, J. R. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento**: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, 2009.

ANSONG, A. Level of knowledge in personal finance by university freshmen business students. **African Journal of Business Management**, v. 5, n. 22, p. 8933-8940, 2011.

ARAÚJO, F. A. L.; SOUZA, M. A. P. Educação Financeira para um Brasil Sustentável Evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão. **Banco Central do Brasil: Trabalhos para Discussão**, Brasília, n. 280, p. 1-52, jun. 2012.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BANCOS (APB). **Educação financeira**. Lisboa, 2014. Disponível em: <[http://www.apb.pt/educacao\\_financeira](http://www.apb.pt/educacao_financeira)>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ATKINSON, A.; MESSY, F. **Measuring financial literacy**: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study, 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en> >. Acesso em: 02 abr. 2013.

BEAL, D. J.; DELPACHITRA, S. B. Financial literacy among Australian university students. **Economic Papers**, v. 22, n. 1, p. 65-78, 2003.

BOTTAZZI, R.; JAPPELLI, T.; PADULA, M. The portfolio effect of pension reforms: evidence from Italy. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 75-97, 2011.

BRASIL. ENEF- **Estratégia Nacional de Educação Financeira**. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

BROWN, M.; GRAF, R. Financial literacy and retirement planning in Switzerland. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 6, 2013.

CALAMATO, M. P. **Learning Financial Literacy in the Family**. Tese, The Faculty of the Department of Sociology, San José State University, 2010.

CARDOZO, J. S. **Um olhar sobre a estratégia nacional de Educação Financeira- ENEF e sua potencial contribuição para a disseminação da Cultura Previdenciária**. 2011. 114 f. Monografia (Graduação em Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.



CHEN, H.; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. Gender differences in personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 11, p. 289-307, 2002.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS. **Comunicação da Comissão: Educação Financeira**. Bruxelas, dez. 2007. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0808:FIN:PT:PDF>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

DISNEY, R.; GATHERGOOD, J. Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. In: **Econ Papers**, 2011. Disponível em: <[http://econpapers.repec.org/paper/notnotfc/11\\_2f05.htm](http://econpapers.repec.org/paper/notnotfc/11_2f05.htm)> Acesso em: 09 abr. 2013.

FINKE, M. S.; HOWE, J. S.; HUSTON, S. J. Old Age and the Decline in Financial Literacy. **Social Science Research Network Working Paper**, 2011. Disponível em: <<http://www.tilkingroup.com/texastech.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

GARCÍA, N.; GRIFONI, A.; LÓPEZ, J. C.; MEJÍA, D. Financial Education in Latin America and the Caribbean: Rationale, Overview and Way Forward. 2013. In OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 33, **OECD Publishing**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/5k41zq7hp6d0-en>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

GOVERNMENT ACCOUNTABILITY OFFICE (GAO). United States Government Accountability Office. Further Progress Needed to Ensure an Effective National Strategy. **Financial Literacy And Education Commission**, United States, dec. 2006. Disponível em <<http://www.gao.gov/assets/260/254139.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

GRABLE, J. E.; JOO, S. H. Student racial differences in credit card debt and financial behaviors and stress. **College Student Journal**, v. 40, n. 2, p. 400-408, 2006.

HASTINGS, J.; TEJEDA-ASHTON, L. Financial literacy, information, and demand elasticity: Survey and experimental evidence from Mexico. **NBER Working Paper** 14538. 2008. Disponível em: < [http://www.nber.org/papers/w14538.pdf?new\\_window=1](http://www.nber.org/papers/w14538.pdf?new_window=1)>. Acesso em: 22 dez, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estados, Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=RS>> Acesso em: 16 ago. 2013.

KEESE, M.; SCHMITZ, H. **Broke, ill and obese: the effect of household debt on health**. In: Social Science Research Network, 2010. Disponível em: <[http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1750216](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1750216)> Acesso em: 30 abr. 2013.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; PANOS, G. A. Financial literacy and its consequences: Evidence from Russia during the financial crisis. **Journal of Banking & Finance**, v. 37, p. 3904–3923, 2013.

LIAO, T. F.; CAI, Y. Socialization life situations and gender-role attitudes regarding the family among white American women. **Sociological Perspectives**, v. 38, p. 241-260, 1995.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A Influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos. 2011. In: Seminários em Administração, XIX, 2011, São Paulo. **XII SEMEAD FEA-USP**, 2011.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Financial literacy and planning**: implications for retirement wellbeing, 2006. Disponível em: <<http://www.dartmouth.edu/~alusardi/Papers/FinancialLiteracy.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, Cambridge University Press, v. 10, n. 04, p. 509-525, 2011.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S.; CURTO, V. Financial Literacy among the Young. **The journal of consumer affairs**, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Teach workers about the perils of debt. **Cambridge: Harvard Business Review**, Nov. 1, 2009. p. 20

LUSARDI, A.; WALLACE, D. Financial Literacy and Quantitative Reasoning in the High School and College Classroom. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 1, 2013.

LYONS, A. C. Credit practices and financial education needs of Midwest college students. In: **Social Science Research Network**, 2007. Disponível em: <<http://www.acrwebsite.org/search/view-conference-proceedings.aspx?Id=6915>>. Acesso em: 26 set. 2012.

MATTA, R. C. B. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal**: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MATTAR, F. **Pesquisa de Marketing**: metodologia e planejamento. 6 ed., São Paulo: Atlas, 2005.

MENDES-DA-SILVA, W. M.; NAKAMURA, W. T.; DE MORAES, D. C. Credit card risk behavior on college campuses: evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 3, p. 351-373, 2012.

MONTICONE, C. How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy? **The Journal of Consumer Affairs**. V. 44, n. 2, p. 403-422, 2010.

MOTTOLA, G. R. In our best interest: Women, financial literacy, and credit card behavior. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 4, 2013.

NATIONAL FINANCIAL CAPABILITY STUDY (NFCS). **Financial Capability in the United States** - Report of Findings from the 2012 National Financial Capability Study. Financial Industry Regulatory Authority (FINRA) Investor Education Foundation, 2013. Disponível em: <[http://www.usfinancialcapability.org/downloads/NFCS\\_2012\\_Report\\_Natl\\_Findings.pdf](http://www.usfinancialcapability.org/downloads/NFCS_2012_Report_Natl_Findings.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2013.

NORVILITIS, J. M. *et al.* Personality factors, money attitudes, financial knowledge, and credit-card debt in college students. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1395-1413, 2006.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Assessing financial literacy in 12 countries an OECD pilot exercise. **OECD Publishing**, 2011. Disponível em: <<http://arno.uvt.nl/show.cgi?fid=114072>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender. **OECD Publishing**, 2013. Disponível em: <[http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013\\_OECD\\_INFE\\_Fin\\_Lit\\_and\\_Incl\\_SurveyResults\\_by\\_Country\\_and\\_Gender.pdf](http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2013.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS**. 5.ed, Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

RESEARCH, R. M. **ANZ survey of adult financial literacy in Australia**, 2003. Disponível em: <[http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN\\_5654\\_Adult\\_Fin\\_Lit\\_Report\\_08\\_Web\\_Report\\_full.pdf](http://www.anz.com/Documents/AU/Aboutanz/AN_5654_Adult_Fin_Lit_Report_08_Web_Report_full.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2013.

ROOIJ, M. C. J. V.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 4, p. 593-608, 2011.

SCHERESBERG, C. B. Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. **Numeracy**, v. 6, n. 2, art. 5, 2013.

SEKITA, S. Financial literacy and retirement planning in Japan. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, n. 4, p. 637-656, 2011.

SHIM, S.; SERIDO, J.; BOSCH, L.; TANG, C. Financial identity-processing styles among young adults: A longitudinal study of socialization factors and consequences for financial capabilities. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 47, n. 1, p. 128-152, 2013.

SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy**. Money management behavior and associates factors, including critical thinking. Tese, Universidade de Utah, Estados Unidos, 2002.

SILVA, P. R. **Psicologia do risco de crédito: análise da contribuição de variáveis psicológicas em modelos de credit scoring**. 244 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, 2011.

Tabela 4 – Frequência e percentual válido na escala de educação financeira

Fator	Questões	Alternativas	Frequência	Percentual <sup>1</sup>
EDUCAÇÃO FINANCEIRA BÁSICA	26. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.	* <b>Mais do que R\$ 150,00.</b>	883	56,75%
		Exatamente R\$ 150,00.	432	27,76%
		Menos do que R\$ 150,00.	103	6,62%
		Não sei.	138	8,87%
	27. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?	* <b>José.</b>	775	49,90%
		Pedro.	160	10,30%
		São igualmente ricos.	337	21,70%
		Não sei.	281	18,09%
	28. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.	Mais do que hoje.	147	9,53%
		Exatamente o mesmo.	52	3,37%
		* <b>Menos do que hoje.</b>	976	63,29%
		Não sei.	367	23,80%
	29. Suponha que no ano de 2014 sua renda dobrará e os preços de todos os bens também dobrarão. Em 2014, o quanto você será capaz de comprar com a sua renda?	Mais do que hoje.	216	13,84%
		* <b>Exatamente o mesmo.</b>	990	63,42%
		Menos do que hoje.	192	12,30%
		Não sei.	163	10,44%
	30. Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Essa afirmação é:	* <b>Verdadeira.</b>	1001	64,04%
		Falsa.	305	19,51%
		Não sei.	257	16,44%
	31. Suponha que você realizou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo total com os juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:	0,3%.	21	1,35%
		0,6%.	217	13,96%
		3%.	53	3,41%
		* <b>6%.</b>	993	63,90%
Não sei.		270	17,37%	
32. Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja B oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?	* <b>Comprar na loja A (desconto de R\$150,00).</b>	1404	90,00%	
	Comprar na loja B (desconto de 10%).	64	4,10%	
	Não sei.	92	5,90%	
33. Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?	100.	14	0,89%	
	* <b>200.</b>	1425	90,94%	
	1000.	45	2,87%	
	5000.	13	0,83%	
	Não sei.	70	4,47%	

(conclusão)

FATOR	Questões	Alternativas	Frequência	Percentual <sup>1</sup>
EDUCAÇÃO FINANCEIRA AVANÇADA	34. Considerando-se um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	Poupança.	415	26,65%
		* <b>Ações.</b>	424	27,23%
		Títulos públicos.	307	19,72%
		Não sei.	411	26,40%
	35. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?	Poupança.	64	4,10%
		* <b>Ações.</b>	1124	72,05%
		Títulos públicos.	72	4,62%
		Não sei.	300	19,23%
	36. Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:	Aumenta.	298	19,16%
		* <b>Diminui.</b>	892	57,36%
		Permanece inalterado.	65	4,18%
		Não sei.	300	19,29%
	37. Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:	* <b>Verdadeira.</b>	1094	70,40%
		Falsa.	189	12,16%
		Não sei.	271	17,44%
	38. Quando a inflação aumenta, o custo de vida sobe. Essa afirmação é:	* <b>Verdadeira.</b>	1378	88,05%
		Falsa.	67	4,28%
		Não sei.	120	7,67%

<sup>1</sup> Considera-se os percentuais válidos ao número de respondentes de cada questão.

\* Resposta correta da questão.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).